

HISTÓRIA, POESIA; RITMO?¹

Michel Deguy
(Université de Paris VIII)

Dom Carlos de Schiller murmura repentinamente, numa espécie de aparte: “A História será sempre a história das necessidades das quais a alma não pode participar?!”. Uma vez que nós outros, “franceses”, não dispomos de duas palavras para distinguir entre o passado, “tal como si mesmo” (*res gestae*), e a narrativa, ou comentário de fatos (*historia rerum gestarum*), usamos o H maiúsculo para designar o primeiro e a pequena “história”, para a segunda. Porém, a ambivalência paira “na oralidade” e devemos nos lembrar disso. O que acontece, a História ou o devir dos homens em sociedade, em nações e destino individuais, será para sempre tempo de necessidades, *Not* em alemão, “indigência” [“détresse”] dirá o tradutor de Heidegger; e aquilo que a alma, o destino espiritual e intelectual, *psychê* e *noesis*, esperam e exigem será sempre excluído, marginalizado, vão “suplemento” (Bergson), sem poder, sem realidade “efetiva” (Hegel), sem participação (*metexis*) nos “acontecimentos”, no fluxo do mundo fatal, no sentido; ou seja, no não-sentido [non-sens] final...

Pode parecer estranho – e impraticável – manobrar um discurso com dois assuntos [sujets] (duas “prosopopeias”), tais como a História e a Poesia, como se encontrassem paridade no real, fazendo “interagir”, igualmente e misturados, isto é, em diálogo, mortos e vivos na biblioteca. “História

¹ O presente ensaio foi escrito especialmente para a revista *Remate de Males*. As palavras entre colchetes são termos do texto original, mantidos pelo tradutor. [N. do E.]

da poesia” tem sentido. “Poesia da História”, talvez, como instância mais elevada, de julgamento final, na qual a poesia teria a última palavra a fim de atribuir sentido a essa torrente de necessidades, de sangue, de pus, de miséria... ou a fim de “mistificar” o passado e o futuro como uma “Lenda dos Séculos” [“Légende des Siècles”], utopia nacional ou humanista...

A História seria uma “epopeia” aguardando a narrativa e uma “tragédia” aguardando seu teatro-poema. Ocorre, entretanto, que “a poesia” excluiu de seu campo, de suas “formas” de acolhimento, o épico e o trágico...

O que a poesia faz com “a História”?, pergunta-se a revista *Remate de Males*, dando lugar a reflexões “acerca do modo como os diversos ritmos da história fazem irrupção na poesia, em especial na poesia moderna e contemporânea”. O ritmo poético e os ritmos da História, sincrônicos ou diacrônicos, fazem sentido juntos? Estranha questão, cuja generalidade – que subsume ou articula duas “grandes coisas” sob a noção do *ritmo* – nos traz à memória o axioma programático de Arquíloco “gignôske oios ruthmos tous anthropous échei”... como se o ritmo (e não qualquer um!) *mantivesse* “os homens”... juntos completamente: poeticamente, historicamente, historialmente. Começo dissociando ceticamente essas duas coisas.

*

A história dos homens e a história das almas seriam sempre distintas, ou mesmo separadas? Esta última – a “poesia” em suas obras, a confecção de suas obras, na tradição litigiosa de suas transformações, suas querelas (“modernos contra antigos”), ou seja, na sua compleição linguística intrínseca e nas fases de sua evolução – inspiraria ou “mimaria” uma ordem, caótica ou reformulável da primeira, a grande História? Antes de mais nada, qual seria a relação entre as duas? A compleição, por exemplo, estrófica e prosódica (digamos “iâmbica”, para exemplificar), teria alguma “semelhança” ou parentesco com as consecuições do curso das coisas? Posso, é claro, falar de “pausas”, de sínopes, de “arritmia”, a propósito de uma História das coletividades e dos povos, que seriam aquelas dos conflitos, das batalhas, ou ainda dos apaziguamentos e das latências, mas de que maneira essas duas séries lexicais, talvez coladas por uma analogia profunda, poderiam esclarecer a inteligibilidade de uma ou da outra pela metaforicidade (superficial?) de sua aproximação? Não sei se a relação complexa entre a poesia e a História (existe?) pode ser “reconhecida” numa História da poesia em geral, ou se a hipótese dessa complexidade está na base da criação poética...

Tomemos a espera [attente], por exemplo: o sentido histórico e historiador da espera, como dimensão profunda, estruturante, da História (ao menos no sentido em que a infernal temporalidade humana é *vivida*, consciência por consciência); a estrutura messiânica em geral (como se estabelece a promessa? o que é uma utopia, o que é um “messias”, uma profecia, um anúncio? um acontecimento pode ser recebido como “primícias” de um vencimento impossível, etc.?). Entre essa “estrutura” (globalmente denotada aqui como “messianismo”, por direito de inventário) e o poema (*este* ou *aquele* em sua fatura, sua ficção, sua perfeição, acomodado de acordo com sua idade na Era-da-poesia), haveria homologia, comparabilidade interessante, influência, reciprocidade, conversa...? Não me precipito dando uma resposta positiva, pois vejo aí, antes de tudo, uma habilidade “concordista”, um paralelo para “apresentação”, apenas uma pista heurística fecunda...

Divagarei em algumas direções, que parecem mais ou menos indiferentes à nossa problemática geral, a fim de retornar à questão de sua pertinência.

O ruído e o furor (intermédio ateu, inconveniente)

A História é a Meca... O que significa este apólogo?

Aquilo que “faz História” – a dos acontecimentos, a pesada (a braudeliana) – é a coincidência geográfica (seria preciso dizer geo-lógica, em um novo sentido), completamente impensada e até o momento imprevisível, das causas, pesadas ou muito pesadas (que, numa determinada área da terra especificamente, entram em convergência sísmica singular, por efeitos de fronteira sem precedentes, demográficos, econômicos, *produzindo-se* no presente, na escala de uma vida humana contemporânea *dessa* contingência) com a mais intensa superstição humana – a islâmica (imagine um contador Geiger medindo “a fé” durante a peregrinação da Meca), ela própria dividida contra si em quatro partidos, sunita contra xiita e Irmãos muçulmanos contra modernistas... a coincidência disso, como dizia, com a mais gigantesca reserva econômica mundial, a “energia fóssil” do Oriente Médio, “cobiça” de todas as grandes potências!

Ora, a conflagração aleatória evenemencial dessas forças, ignorada tanto por uma racionalidade hegeliana quanto por uma etiologia marxiana, é a resultante “histórica” para nosso “presente”.

A isso, deveríamos acrescentar, como coprodutor da História, sempre omitida na Grande Narrativa porque incalculável, o acaso,

confrontamento ou perturbação de séries causais relativamente independentes, pela iniciativa de indivíduos, em contínua efervescência browniana, semelhante à agitação da superfície da onda sob a tempestade, projetando-se em trajetórias imprevisíveis, efeitos da “liberdade de indiferença” que torna imprevisível, mesmo para mim, o deslocamento de minha mão à direita ou à esquerda...

Qual é a instância de julgamento para tal questão?

Quem oferece uma resposta à (e sobre a) questão da interferência ou da aproximação possível entre as duas coisas que o presente texto, nossa ficção, coloca em cena, “encara”? A instância na qual se julga a relação poesia-história não é “a poesia”; tampouco “a história” poderia ocupar essa posição de juiz da relação entre as duas...

A esse ponto (de vista), a essa instância, dou o nome de “a poética”... na medida em que seria capaz de teorizar *originalmente*, ainda que em estilo não teórico, sobre a indivisão, a aliança, do filosófico e do poético: uma noética original que não se escreve em “poemas”, mas em teoremas, distintos dos mitemas, dos teologemas, dos filosofemas... e em po-emas. Teoremas dos quais resta a demonstrar a potência hermenêutica.

Há uma luta feroz (gigantomaquia eidética) quanto à competência suprema da inteligibilidade: é “a filosofia” que tem a inteligência? É “a ciência”?... É a história (que não é nem uma, nem outra)? Pois a História (séculos XIX, XX e XXI) teve a pretensão da visão “superior”. Burckhardt contra Nietzsche; Furet contra Althusser, etc. Para os historiadores, não é o pensamento filosófico que melhor compreende “aquilo que realmente acontece”. A queda da Casa Hegel e da Casa Marx tem essa consequência: a filosofia fora do jogo. Quanto à poesia, a História a subestima cruelmente. A História gosta de citar os “relâmpagos de lucidez” do poeta (Char, geralmente; o mais citado na França, especialmente por Foucault). Mas ela não admite a poesia no Debate (Pierre Nora).

No melhor dos casos (Badiou no *Le Siècle*), o filósofo sabe ler grandes poemas. Quanto à poesia, tornou-se animação cultural, definitivamente, aos olhos da opinião; ou indiferente aos acontecimentos, por autismo lírico, e até mesmo indiferente à inteligibilidade, por “surrealismo”. Fazer a *poética* entrar no Debate “intelectual” tornou-se, portanto, a grande questão para “nós” – teóricos da poesia [poéticiens].

Contra a pretensão suprema da história e dos historiadores, apresento estes argumentos: “aquilo que aconteceu”... a história nunca o saberá. A *crença* humana, que faz a História, consiste em tomar como *fatos* coisas de outra ordem; estes permanecem para sempre inverificáveis, portanto, é o mínimo que se pode dizer – do mesmo modo que a Virgindade de uma mãe palestina (Maria); ou a ressurreição de um jovem judeu; ou a

ascensão de Maomé montado num asno, ou a revelação de Moisés no Sinai etc.

Toda religião repousa no “milagre” (Pascal), e a História dos homens (regimes políticos, guerras) repousa na confirmação legendária desses “milagres”: fora do alcance da história.

A história procura o sentido, “o sentido da história”; ela não é capaz de pensar o não-sentido, isto é, a verdade. A história não pensa. Tornar inapagável aquilo que se tornou inacreditável, eis a fórmula que diz o privilégio da Arte (a poesia).

A história subestima e quase proscreeve o acaso, a (má) sorte, ou qualquer que seja seu nome. Ora, “nada está escrito”. E não é a escrita posterior, narração e conjectura, a história, que pode inverter a perspectiva, fazer como se tudo estivesse prescrito – é a fé, a religiosidade, reimputando no plano providencial de Deus a própria Auschwitz... A não ser que a filosofia ofereça como argumento a racionalidade das figuras do Espírito, as relações de produção ou o ódio mútuo entre as raças.

Tudo aquilo que importa – a crise, os fatos “milagrosos”, as coincidências aleatórias, a alavanca das crenças (que “move as montanhas”... de cadáveres), a intrusão incalculável das pulsões humanas..., os livre-arbítrios e tantas outras “causas” – desafia a etiologia historiadora. Aquilo que faz a História escapar à história. Como aquilo que teve lugar foi possível? É inacreditável, mas é como as coisas são: esse *como*, ou memorabilidade, figurabilidade, pertence à poesia. A poesia transforma-se em poética entendida como pensamento do poema pensando na poesia à espera do poema.

As *modas* que afetam a pesquisa histórica – e cujas variações (por exemplo, de uma “ciência marxiana” (Althusser) no estilo dos *Annales*, etc.) *provam* sua diferença, seu caráter estranho às “ciências exatas” ou “duras”, sua inquietação constitutiva no que concerne sua propriedade, seu objeto, sua “certeza”, suas unidades de medida, seus procedimentos de inteligibilidade dos “fenômenos” – obedecem... à História e a algo distinto da autonomia de uma “ciência histórica”. Poderíamos mostrar que uma história das *batalhas* (o que é uma “batalha”? “o que é um povo”? etc.) pode atribuir uma nova inteligibilidade à História, ainda que alguns vejam aí apenas sua camada superficial... Entretanto, e *paradoxalmente*, a historicidade das coisas é aquilo que há de mais cativante, “a realidade superando a ficção”, de maneira que nada (nenhuma escrita vernacular) é mais apaixonante do que um livro de História, da mesma forma que um bom documentário ofusca a maioria dos “filmes de ficção”. O que não impede que tudo continue “falso” ou “sem verdade”, do ponto de vista

do grau de mais-verdade que *pode...* oferecer um grande pensador, um grande poema e “a poesia” como poética.

A poética e a história

Não vejo, em parte alguma, um historiador, um filósofo, um sociólogo ou um antropólogo preocupar-se com essa questão da *pertinência* dos axiomas e teoremas *poéticos* numa confrontação (uma rivalidade? uma concorrência? um desafio...?) com a História². Nem Balibar, em seu livro recente, entre outros, *Saeculum* (Galilée, 2013), articulando “cultura” e “religião” sem problematizar o sentido *atual* de “cultural” ou o estado da *crença* humana; nem Bourdieu, fechado em um positivismo da Dominação; nem Badiou ou Luc Ferry, em seu desprezo pela ecologia, etc.

Insisto que a *poética* é a chave (a chave da poesia, diria Paulhan, é também a chave para outras coisas). Na condição de *fenomenologia*, ela pode (não infalivelmente) *ir aos fenômenos* (às coisas elas mesmas e à coisa mesma, para retomar as fórmulas husserlianas). É ela quem “vê” Hiroshima ou Auschwitz, os fenômenos inteiramente “insensatos” de nosso tempo, e não “a redução transcendental” (seria preciso citar aqui o admirável Gunther Anders em sua luta contra Husserl!).

Como ontologia (continuo a caracterizar uma poética contemporânea), seu operador não é o princípio de identidade (A é A; A é B), nem um princípio indeterminado de não-contradição, mas o princípio de comparação ou do ser-como: A é-como B; ou seja: A é-como A: o um é-como o outro (exemplo: Homem e Mulher são “um mesmo” *sendo* um(a) como outro(a)).

Em resumo: é necessário examinar integralmente, de outro modo, o caráter *cultural* do fenômeno social total contemporâneo e a essência (ou seja, a capacidade) da comparabilidade (ou figuralidade) das coisas, se concordarmos que o lugar do “juízo” em qualquer... questão é aquele do seguinte questionamento: “as coisas tem *a ver* juntas ou não têm *nada a ver?*”.

² Uma exceção relevante: a de Gilles Kepel, no *Le Monde* de 12/07/2013, que é uma espécie de alusão àquilo que tento desenvolver e fundar aqui: “Quando escrevo, produzo também metáforas, conotações, ou seja, tudo aquilo que a *sociologia*, de Bourdieu à Boudon, se empenhou em proibir, designando como o *inimigo da ciência*. Ora, assim que um ser humano fala da sociedade, ele fala por metáforas, *é assim que ele pode compreender o que acontece*”.

Os enganos

O poema desempenha seu papel “na” História: *memória* dos grandes feitos; cantos guerreiros, hinos nacionais ou refrãos militares (mesmo em Platão, uma vez que a caserna fica *dentro* da cidade, lugar onde se aprendem os “ritmos”); mnemotécnica dos *nomes* (“Eis os Nomes”, diz o *Êxodo* bíblico). E, em reciprocidade com a história, se posso dizer, já que recebia desta os temas épicos, os roteiros “trágicos”, a inesgotável reserva mítica *conservada*, etc.

Digamos que há uma complacência “em espelho” entre as duas: a poesia considera-se bela neste espelho (que lhe “oferece” a história); e a história considera-se útil e exaltada no espelho que lhe oferece o *epos*. Engano recíproco.

Em seguida, elas se separam, distanciam-se uma da outra. Longa e difícil “crise” que não é o caso de reconstituir, mas da qual recupero duas ou três fases, nesta *perspectiva* que se afigura (fingida?), talvez ela própria enganosa.

Etapas recentes: a da ilusão heideggeriana, o segredo muito difícil de ser analisado daquilo que chamamos seu erro histórico. Eis os ingredientes (com a condição de... reconstrução): a relação entre um povo (*Volk*; o que é um povo?) e seu *Dichter* (poeta), ao convocá-lo a seu ser (*wesen*) pela sua historicidade (*Geschick*). E, portanto, no caso, a relação, trans-empírica (que, de certa maneira, “nunca teve lugar”, como dizia Rousseau), entre os *Deutsche* (Germanien) e *Hölderlin*, nomeadamente e exclusivamente. De outro lado (?), ou “ao mesmo tempo” que a refundação da Verdade (*aletheia*) pelo Estado, a Cidade, seu Guia (*Führer*): Hitler tomado como guia, mediador aguardado dessa coincidência: a escuta de Hölderlin (1800) pelos Alemães (1930).

...

Resultado do nazismo: a História teria apagado a poesia, a *possibilidade mesma* do poema, de acordo com o sentido tradicional do veredito atribuído a Adorno: de que, depois de Auschwitz, é a possibilidade da poesia (*Dichtung*) que parece interdita.

Ou, ainda, esse raso episódio tardio (século 21): a poesia não está mais na jogada; ela brinca no pátio de (re)criação [(ré)création] cultural da cidade; dispersa em animações heterogêneas que a homonímia “poesia” ainda consegue reunir vagamente, orçamentariamente.

História e poesia

A fim de começar a inverter esse movimento, levo em conta três componentes: a língua materna; as *obras*; a experiência.

Faço uma distinção entre o cuidado com a língua “materna”, tal como é falada “cotidianamente”, e no pensamento de Hannah Arendt; proponho dar atenção às *obras* poéticas e, finalmente, à “*experiência poética*”, na confluência entre a experiência comum, “compartilhável”, e a vida privada ou interiorizada (*interior intimo meo*). Esses componentes se transformam em três critérios, segundos os quais um princípio de resistência pode colocar a poesia e as coisas-da-poesia tanto em posição de esclarecimento e de aceleração de um “sentido da História” quanto como Cassandra teimosa, na contramão [*contre-sens*] da história explicativa, narrativa, disciplina, pretensão.

Sartre levava em consideração a poesia (e os poetas) apenas no sentido de que o próprio fato de falar sua língua já pode ser um falar-contra, contra a servidão, a ocupação, a dominação – por exemplo, no Quebec, o falar francês é forma de “resistência”. E, nessa perspectiva, a canção, popular, é ainda mais relevante que o canto, que a originalidade mais ou menos perturbadora de apenas um.

Klemperer mostrou, em seu genial trabalho languageiro e linguístico de observador da “correção” do alemão do Terceiro Reich, a profundidade com que a corrupção da língua pela propaganda, pela ideologia, pode atingir o coração da fala, a vocação e a capacidade do dizer humano feito para a verdade – se é que um povo é constituído pela língua que diz sua verdade.

A partir de que lugares a mobilização de uma língua pode resistir? Pelas obras e, singularmente, pelas poéticas que tentam provar do que a língua é capaz: sua “beleza” e suas promessas. Questão de “ritmo” em geral, se quisermos, ou de gozo na auscultação que um “sujeito” faz de sua língua, na sua persistência e nas suas invenções: não na “destruição” imposta por um “autor” de vanguarda, um “escritor”, mas por seu aumento e inventividade. Não se trata de “adaptar-se às circunstâncias”, ao curso do mundo, à doxa, em relação de servidão voluntária.

E é aí que a poesia, “resistindo”, converge para aquilo que eu chamaria de princípio de *levantamento* pelo sublime, no âmbito da experiência comum e pessoal: juntamente *com* as outras na resiliência ou na insurreição, *pela* língua comum, colocada à prova em “poema”. A pintura é muda; no entanto, pode-se “ouvir” que a *Liberdade* de Delacroix, sobre sua barricada, não escande exatamente um slogan publicitário, mas (com um pouco de antecedência) um poema dos *Châtiments*, de Victor Hugo.

A poesia é *contra* “a história”, os manuais de história. Contra o discurso, oficial ou pedagógico, que registra, afiança, normaliza “a História”. A história nacionalista, logo falsa, travando o futuro.

Em termos de hoje: resiliência à “globish-ização” de sua língua, à parasitagem do francês (*este* lugar do mundo, de onde falo) pela infecção da “comunicação-informação” globalizante da língua global da economia, isto é, do crescimento-consumo. Mais grave ainda: como *falar* contra a *saída do logos* que está em processo, em toda parte... Como reter o *dizer* em falas, para manter-se nele, se é seu “ritmo” que mantinha os homens (Arquíloco)...

Um desvio pelo sonho

Para Albert Béguin, a alma (romântica) era o sonho. Para François Hollande, o socialismo deveria ainda fazer “sonhar os Franceses”. Entre a poesia e a história (para a política), o *sonho* seria um ponto em comum?

E se já não fosse mais o caso de sonhar? Depois de Freud, o sonho não é mais o Sonho. A *Traumdeutung* mudou os sonhos, ainda que André Breton, Desnos e outros tenham conseguido conectar a escrita poética com o inesgotável inconsciente... tendo como resultado, hoje, o fato de que “surrealista” passou a significar para a opinião, i.e., para a “recepção” da poesia, o *nonsens* [non-sens] ou o insignificante.

Colocar o que no lugar do sonho? Eis a questão. No lugar do sonho entendido como protensão rumo a um “futuro melhor” ou a um “outro mundo” ao alcance do sonho, o que imaginar? “Evadir-se pelo sonho”? Peter Ibbetson, o herói de Du Maurier, caro a Queneau, sabia como fazer; era sua vida... de prisioneiro. Mas a poesia é o contrário da evasão.

Talvez seja preciso mudar o *sonho* ainda uma vez; a ação e o sonho ao mesmo tempo. Para um acordo “fraterno”? Não necessariamente. Para outra relação...? O saber passa pelo sonho [songe], dizia Valéry. Mas o sonho [songe] não é o sonho [rêve].

Em outras palavras, colocar Baudelaire contra si próprio ou, em todo caso, um Baudelaire-contemporâneo contra um uso “ainda” romântico do sonho. E, do mesmo modo, no caso de Rimbaud: arrancá-lo da “verdadeira vida ausente” e do “não-estar-no-mundo” – sempre românticos. A desidealizar.

Há, em Baudelaire, segundo *nossa* releitura (ou “interpretação”), algo, ou um “caminho”, para transformar a ilusão em lucidez; um “mundo” no qual a última palavra não seja abandoná-lo, com o pretexto de que a ação não é irmã do sonho, mas tentar entender em que consiste

ainda essa estranha *esperança* da qual o poeta é dotado, como diz sua mãe, graças à “admirável faculdade de poesia”.

O mesmo acontece com o uso de Rimbaud: insistir na camiseta universitária na qual Arthur “prefigura” Che Guevara. Não apenas porque Arthur Rimbaud, com dezesseis anos, se esforçava por tornar-se um especialista em hexâmetros dactílicos latinos (em rítmica); mas porque “nós” devemos investigar sempre mais complexamente a alteridade do Eu (Eu é um outro...) e uma outra negatividade, diferente daquela da fuga do mundo. A ameaça para nosso tempo é, antes de mais nada, a de que “a verdadeira vida” tenha se tornado... presente, sim, pela “revolução” (a mutação) da imagem e a submissão à ordem mundial do *Viva ao vivo na tela* suas sensações (*Live! Live! Live!*). O fim do século 19 não podia ter o menor pressentimento disso (ainda que Baudelaire tenha se inquietado com a fotografia).

Tal re-visão da visão, em modo contra-romântico, seria aceitável? Temo que não. Mas esboço um de seus movimentos (um *pas-de-deux*...).

O que seria uma espera sem crença? Uma “pura” espera? Que a nossa temporalidade seja integralmente de expectativa e de atenção, de inspeção pro- e retrospectiva (atenta, atenciosa, expectante, expectadora...), é um fato mil vezes descrito, narrado (romanesco) e filosofado.

Seria possível desvincular a espera de tudo o que é esperado? esperar tudo de nenhum correlato, rumo a uma espera... “sem mais espera”³ [“sans attendre”], à maneira com que ordenamos a alguém a tarefa de um “já... sem mais *espera*”⁴ (sem esperar a outra espera, comum, que espera por um objeto, como o sonho)? Certamente não. A transformação do correlato é difícil.

Por diversas vezes, a ponta do pensamento derridiano, semelhante a um furo em “uma enorme região onde tudo se cala” (Apollinaire), esforçou-se em renunciar à metafórica husserliana do *horizonte* e dos *aspectos*. Por uma espera sem horizonte de espera, sem espera de

³ Encontro um indício dessa ideia em um poema de juventude (1962), “a macieira” (publicado em *Donnant Donnant*, Poésie/Gallimard, 2006, p.41).

⁴ Talvez o “Não tenham medo” do Pontífice João Paulo II deva ser aproximado desse sem-mais-espera... Talvez o título de Blanchot, “L’attente l’oubli” [“A espera o esquecimento”], sugira esse emprego “absoluto” de um esperar intransitivo... Talvez o título heideggeriano “A devastação e a espera” nos coloque nessa situação de espera. Mas a vontade do Ser (*Geschick*) se faz esperar, demasiadamente: bloquear a devastação não pode mais esperar, ainda que o esforço seja em vão: poética e ecologia *radical* (aquela segundo a qual o “mundo” *não é* o “meio ambiente”) se individem, provam-se mutuamente.

horizonte, que recua reativando a espera; sem ponto de fuga, como se um corte não pudesse “desembocar” em uma trilha.

Como renunciar à própria decepção? Pelo absolutamente outro. Nada aconteceria de semelhante a tudo o que a espera não pode deixar de imaginar? Um messianismo sem messias... A parábola reúne as virgens sábias e as virgens loucas, as toma *juntas*. Os preparativos *com* a loucura. Quem são as mais loucas? Aquelas que vão ao encontro do noivo, acreditando na sua iminência, ou aquelas que preparam a comida, permanecem nos “preparativos”... portanto “sem esperar”. As primeiras, de fato, são “prudentes” ao contar com a chegada... Porvir ou por-vir? “*No future*”... como abordar o não-há-futuro?

Procuro recursos de pensamento nesta frase de Leopardi: “Em qualquer condição a vida é puro ócio”. Nenhum insulto aos “trabalhadores”: o ócio seria a pura suspensão que suspende a crença (“*a willing suspension of belief*”, como pensei ser possível contra-propor a Coleridge) e dirige a imaginação ao presente... “Pura” suspensão... Mas o que *puro* tem a ver com isso? É a mesma questão desde Mallarmé. O ócio, ou disposição poética, deveria ser aproximado da *Gelassenheit* de Heidegger, retomada de Eckhart, que permite aos possíveis estenderem-se sobre o mundo ou “em” mundo – aquilo que apenas o poema sabe fazer, ao abrir a possibilidade, para uma coisa, de ser, sendo *também* (e como) esta, ou aquela, coisa etc. Uma suspensão de História tal como a retrospectaríamos (a possibilidade retorna pela via do irreal do passado, do “teria podido”) e como a programaríamos estreitamente, belicosamente para o futuro⁵...

Para ser breve e familiar sem encurtar a conversa: enquanto “se espera”, é preciso por a mão na massa! É o trabalho do “sem” ou da reformulação do *impossível* ao qual tudo está ligado: como pensar o levantamento *sem* a ilusão do futuro (fora da perspectiva do futuro da ilusão); ou seja: antecipar a queda, a recaída do levantamento sem a utopia revolucionária, sem as compensações assassinas⁶ da decepção. Esquecer “a louca esperança” [espoir] sem renunciar à “esperança” [espérance] baudelairiana, a reinventar: energia do desespero, esperança [espérance] *sem* esperança [espoir]. Inventar patamares ou degraus de reforma, de emancipação, sem reduzi-los a sucedâneos da Revolução fracassada.

⁵ Um exemplo? O nacionalismo não superável e, portanto, o estado de guerra permanente e generalizado, deve-se à recusa de imaginar (de aceitar) um mundo no qual as “nações” se multiplicariam, os novos acordos de populações *entre* elas, as alianças livres não mortíferas... de acordo com “o direito dos povos de disporem de si mesmos”.

⁶ O contrário ruim das “reparações”.

Isso passaria pela radicalidade da clarividência (da qual a ecologia pode ser o nome, ainda que provisório, mesmo que desagrade a muitos bons filósofos); uma lucidez que não se engana sobre o pior, o agravamento fatal (que o chamemos “aviltamento do coração”, com Baudelaire, o que parece bastante fraco e moralista; ou “banalidade do mal”, com Arendt, excelente estimativa das coisas, apesar do equívoco sobre Eichmann etc.).

O *possível*, o princípio de uma extensão do possível sobre o mundo pelo transporte (*metaphora*) da imaginação⁷, depende do apoio que lhe insufla uma “poética”. A poesia é o contrário da evasão. Desde que consiga *pensar* sempre várias coisas juntas (“mais de uma”) na sua contrariedade, já que não chega a *fazer* tranquilamente duas coisas ao mesmo tempo.

Tradução: Marcos Siscar

⁷ Terminemos pela alegre evocação da “imaginação no poder” e pela invocação do nome de Castoriadis.